



V CONGRESO IBEROAMERICANO DE PERIODISMO EN INTERNET

SOCIEDAD IBEROAMERICANA DE ACADÉMICOS, INVESTIGADORES Y PROFESIONALES DEL PERIODISMO EN INTERNET – AIAPI

FACULTAD DE COMUNICACIÓN - UNIVERSIDAD FEDERAL DE BAHÍA  
24 Y 25 DE NOVIEMBRE DE 2004  
SALVADOR – BAHÍA – BRASIL

## **CONEXÕES DA MEMÓRIA: OS TESTEMUNHOS, OS DADOS E O JORNALISMO ONLINE**

**Mônica David\***

\* Mônica David é Graduada em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Mestre em Educação pela Universidade Federal de São Carlos e Doutora em Comunicação e Cultura Contemporânea pela Universidade Federal da Bahia. Suas pesquisas mais recentes buscam estabelecer ligações entre a memória histórica e as transformações da mídia na contemporaneidade.

**Resumo:** A transmissão imediata e simultânea de imagem, texto e som, permite que o acontecimento seja, ao mesmo tempo, testemunhado e noticiado por jornalistas, sem intermediários ou distanciamento crítico, transformando o jornalista em um testemunho dos acontecimentos. Retomando algumas questões referentes ao testemunho histórico e especificando as identidades tradicionais do testemunho em jornalismo, é possível perceber as transformações das fontes no jornalismo contemporâneo. Ao mesmo tempo, a sistematização das informações em bancos de dados, transforma a relação do jornalista com a construção da notícia. Este artigo pretende contribuir para as análises do jornalismo online seguindo a trilha da memória como potencializadora de suas características.

A questão do testemunho foi, para a história, uma questão aparentemente resolvida no século XIX. Apesar da multiplicidade e diversidade dos testemunhos e das formas de registro propiciadas pelas transformações técnicas do século XX, o testemunho é entendido como o depoimento de um evento ocorrido no passado. O testemunho é, portanto, para os historiadores, uma fonte de conhecimento e pesquisa sobre os fatos do passado.

Recentemente, a publicação de um livro escrito por uma pesquisadora do *Centre National de Recherche Scientifique*, CNRS, Annette Wiewiorka (WIEVIORKA, 2002), reacendeu a polêmica aparentemente adormecida. Discutindo o papel do testemunho ao longo do tempo, a preocupação da pesquisadora era a de analisar a multiplicação dos testemunhos sobre a Segunda Guerra na década de 90 do século passado. O título do livro, *A era do testemunho*, tornou-se um emblema para as questões da contemporaneidade. Estamos vivendo, de fato, a era do testemunho?

Entendido tradicionalmente como recurso de uma experiência, mediata ou imediata, prova de um fato, o testemunho é um documento, um relato acabado<sup>i</sup>, de forma fixa e estável. Mas o testemunho ganhou movimento no tempo real das transmissões televisivas e das redes telemáticas, sincronicamente incorporado ao fato, transformando o presente em passado.

Multiplicadas pelos aparatos de registro, as vozes de outros tempos assombram o cotidiano dos historiadores que, atordoados com a avalanche de biografias e depoimentos, vociferam: testemunho não é história, clamando por um distanciamento crítico entre as fontes e as análises históricas<sup>ii</sup>. Para os historiadores do tempo presente, ou da história do imediato, as transformações do testemunho são ainda mais evidentes. Neste campo, onde as fronteiras entre historiadores e jornalistas ainda não foram regularmente estabelecidas, a influência e atuação dos jornalistas tem sido ampliada com a força e propagação das mídias. Os jornalistas *vivem* a história do tempo presente, eles *contam* a história do imediato *no* imediato. Nas palavras de François Hartog “on va ainsi du témoin au spectateur sans intermédiaire»<sup>iii</sup> (HARTOG, 2000).

O leque de episódios recentes que evidenciam estas transformações é bastante amplo<sup>iv</sup>. As transformações tecnológicas impuseram, indiscutivelmente, novas características às fontes e ao testemunho. Importa-nos perceber como fontes e testemunhos são tradicionalmente compreendidas nos estudos de jornalismo, para que possamos alcançar suas novas configurações e importância.

## **O jornalista e o testemunho**

Erguidas sobre o princípio da objetividade, história e jornalismo estruturam suas narrativas calcadas na imparcialidade e fidedignidade de suas fontes. E, quanto mais próximas estiverem do acontecimento narrado, tanto melhor. A história do presente, do imediato, a história que se confunde no fazer jornalístico, tomou como marco o registro das fontes orais<sup>v</sup>. Ela instaura o tempo das "fontes vivas", testemunhos do contemporâneo. Para Pierre Nora, a "imprensa, rádio, imagens, não agem apenas como meios dos quais os acontecimentos seriam relativamente independentes, mas como a própria condição de sua existência" (NORA, 1976, p. 181) concluindo que os fatos existem por serem incluídos, ou excluídos, do sistema de informações.

O raciocínio de Nora nos leva a pensar o conceito de cultura das mídias, tal foi desenvolvido por Lucia Santaella, onde as particularidades de sua dinâmica são consideradas: “uma mesma informação passa de uma mídia a outra, distribuindo-se em aparições diferenciadas: partindo do rádio e televisão, continua nos jornais, repete-se nas revistas, podendo virar documentário televisivo e até filme ou mesmo livro” (SANTAELLA, 2002; p.49)<sup>vi</sup>.

A proposta apresentada por Santaella, de uma inter e intra relação entre as diferentes mídias, representa uma continuidade às contribuições de Barbero em suas asserções sobre os meios de comunicação de massa, no sentido de que “as modalidades de comunicação que neles e com eles aparecem só foram possíveis na medida em que a tecnologia materializou mudanças que, a partir da vida social, davam sentido a novas relações e novos usos” (BARBERO, 2001; p. 203).

Nestas *novas relações e novos usos* de processos e meios comunicacionais, a noção clássica de testemunho também se transforma, ainda que para alguns historiadores permaneça inalterada<sup>vii</sup>. Para Adriano Duarte Rodrigues o testemunho deve ser entendido como a comunicação de uma experiência. Mas, para ele, a relação entre comunicação e experiência comporta ainda outros dois tipos de relação, além do testemunho. São eles a transmissão e a comunicação simbólica (RODRIGUES, 1997). Para Rodrigues, uma das características da relação simbólica na comunicação de experiência é a compreensão da experiência como competência, ou seja, a comunicação que não é apenas a de transmissão de conhecimentos ou a comunicação de testemunho de um acontecimento, mas a comunicação de um conhecimento específico e que é própria do destinador (para mantermos fidelidade aos termos de Rodrigues). Ainda que trivial, em razão de um pré-conhecimento mútuo elementar ao

processo de comunicação, a informação incorpora o reconhecimento da competência daquele que informa.

Mas, lembra-nos Mouillaud, “a relação entre a fala do jornal e as outras falas modificou-se com a mudança do lugar e da função da imprensa” (MOUILLAUD, 2002; p.117). Esta relação traduz, para André Lemos, uma mutação no tratamento de fontes visto que “as diversas manifestações sócio-culturais contemporâneas mostram que o que está em jogo como excesso de informação nada mais é que a emergência de vozes e discursos anteriormente reprimidos pela edição de informação pelos mass media” (LE MOS, 2003; p. 22)<sup>viii</sup>.

As transformações na rotina do jornalista provocaram também alterações em seu relacionamento com as fontes. Na análise de Hohlfeldt (HOHLFELDT, 2001, p. 214-215) estas mudanças distinguiram os departamentos de pesquisa dos jornais, permitindo o agendamento de temas. Paralelo ao efeito de agendamento, ocorreu o processo de profissionalização das fontes. Nilson Lage (LAGE, s/d) busca especificar a natureza das fontes, classificando-as em tipos distintos. O testemunho é uma de suas classificações e é assim compreendido:

*O testemunho é normalmente colorido pela emotividade e modificado pela perspectiva: pode-se testemunhar uma guerra sem presenciar uma batalha, assistindo a um pedaço de uma (dificilmente se terá acesso ao todo), ou vendo várias; do lado do vencedor ou do vencido; identificando-se com as vítimas ou com os agressores. Haverá diferenças cruciais entre o relato de conflitos na Palestina feitos por um judeu ortodoxo e por um militante muçulmano, por mais honestos que ambos sejam.*

*De modo geral, o testemunho mais confiável é o mais imediato. Ele se apóia na memória de curto prazo, que é mais fidedigna, embora eventualmente desordenada e confusa; para guardar fatos na memória de longo prazo, a mente os reescreve como narrativa ou exposição, ganhando em consistência o que perde em exatidão factual. Advogados costumam atuar nessa fase: buscando a versão que mais convém a seus clientes, os induzem a omitir certos aspectos da realidade e a ressaltar ou imaginar outros (Ibid).*

As realidades estudadas nas pesquisas e estudos acadêmicos consideram, normalmente, a importância das agências no processo de coleta das informações:

*Antigamente dizia-se que o jornalista saía à caça de informações e a figura do enviado especial e, sobretudo a do correspondente de guerra contribuía para uma visão mítica do jornalismo, aventureiro e audacioso. Hoje em dia, de modo geral, a informação chega à redação sem maior esforço do profissional... (HOHLFELDT, 2001, p. 214. grifos do autor).*

A publicação recente de obras, escritas por jornalistas, e a profusão de depoimentos de jornalistas nos obrigam a repensar o papel do jornalista como fonte que, normalmente, é associado à figura do assessor de imprensa.

*O jornalista na assessoria, tanto quanto no jornal, é um intermediário. Está onde o leitor, ouvinte ou espectador não pode estar. Tem uma delegação ou representação tácita que o autoriza a ser o ouvido e olho remotos do público, selecionar e lhe transmitir o que possa ser interessante. Deve conjugar isso com seu compromisso com o empregador: desempenhar a tarefa com inteligência, o que significa gerir conflitos de interesse que sempre cercam a administração da informação (Ibid).*

O jornalista, em seu tempo de testemunho, é o mediador entre o evento e o público, entre o evento e a empresa jornalística e também entre ela, a empresa, e o público. O depoimento de Rodrigues dos Santos reforça a necessidade de reavaliarmos as fontes, suas classificações e tipologias e nos lembra que:

*Foi em 1991 que pela primeira vez houve um relato em directo de uma guerra, se bem que audio, e foi na operação de 1998 que pela primeira houve um relato em directo com imagem de um bombardeamento. Mas nunca ninguém tinha visto imagens em directo de um campo de batalha. Esse derradeiro passo foi dado em 2003. (SANTOS, 2003).*

Seu depoimento reforça a noção de que, em oposição ao que se pensava, o fato de os jornalistas saírem “atrás das notícias” não é uma característica do jornalismo do passado. Ao contrário, o desenvolvimento das novas tecnologias e a rápida disseminação de seus usos entre as empresas jornalísticas emprestou ao jornalista a mobilidade de acompanhar as notícias ao vivo e a cores.

Na realidade do jornalismo contemporâneo, as vozes ganham repercussão em organismos internacionais que, diferenciando-se do tradicional desempenho das agências, abrem espaço para os mais diversos depoimentos. Como exemplo, temos a organização internacional *International Media Center*, conhecida pela sigla de seu endereço na *Internet: Indymedia*, e seu braço brasileiro, o CMI, Centro de Mídia Independente. Em sua página na *Internet* eles esclarecem que pretendem “dar voz a quem não tem voz” e, para isto, “a estrutura do *site* na *internet* permite que qualquer um disponibilize textos, vídeos, sons e imagens tornando-se um meio democrático e descentralizado de difusão de informações” (CMI Brasil, 2004).

Mas a polifonia não fica restrita aos espaços de mídias alternativas. A *British Broadcasting Corporation*, a BBC, abre espaço para elas e, esclarece, não teme controvérsias: “because we want our audiences to have a flow of information about a wider world”<sup>ix</sup> (BBC News Editorial Policy, 2004). Neste mundo ampliado a *BBC News* incentiva os *blogs* de seus jornalistas, onde, em seus registros diários, os olhares e vozes entrecruzam-se em todos os continentes.

A relação entre comunicação e experiência na realidade contemporânea, de coexistência entre culturas diferenciadas, é central na análise das funções e estratégias do discurso midiático (RODRIGUES, 2002; p. 224). Afinal, “a multiplicidade cultural deve ser

formulada numa linguagem específica: se for diluída num esperanto incolor, a própria multiplicidade desaparece” (GINZBURG, 2000; p. 135). O conflito, inevitável nesta Babel de nossos dias, é contornado na emergência das subjetividades, propiciada pelos diferentes testemunhos.

A função de testemunho pode ser assim entendida como uma estratégia do discurso comunicacional contemporâneo. A tese defendida por Carlo Ginzburg reforça este ponto de vista. Entendendo que “as fontes não são nem janelas escancaradas, como acreditam os positivistas, nem muros que obstruem a visão, como pensam os cépticos” (*Ibid.* p. 44), Ginzburg propõe a análise das fontes considerando “que, no passado, a prova era considerada parte integrante da retórica e que essa evidência, hoje esquecida, implica uma concepção do modo de proceder dos historiadores, inclusive os contemporâneos, muito mais realista e complexa do que a que está hoje em voga” (*Ibid.* p. 13).

A proposta e o desafio feitos por Ginzburg aos historiadores aplicam-se, com toda a propriedade, também aos jornalistas e pesquisadores de jornalismo. Principalmente se considerarmos que hoje, ao testemunhar, e não apenas relatar acontecimentos, cabe ao jornalista legitimar a convivência entre as diferentes culturas de um mundo conectado. Nesta nova realidade, a relação entre história e comunicação ultrapassa os limites tradicionais da chamada história da comunicação e seus desdobramentos nas muitas histórias dos meios e, em consequência, abre novos caminhos na análise da prática jornalística e na definição de seus princípios.

### **Memória e dados**

Analisando comparativamente os textos jornalísticos impressos e televisivos, Francisca Marques (MARQUES, 2002) indica algumas pistas para pensarmos o testemunho no jornalismo hoje. A autora entende que as narrativas curtas, características dos novos textos jornalísticos digitais, criam a sensação de experiência imediata onde “as notícias *flashlight* são, deste modo, dispersas em um território volátil que não exige mais a redação como território tradicional de movimentos, trocas, contatos e experiências” (*Ibid.* p. 531) e aponta as “centrais de computadores” como o lugar onde as notícias redigidas são ordenadas, transformando o texto em um documento (*Ibid.* p. 532).

Em sua análise, Marques considera as “centrais de computadores” como o centro de ordenamento das informações onde “o texto adquire a característica de um documento referencial da realidade que pode ser lido, contextualizado e interpretado como uma fonte de pesquisa” (*Ibid.* p. 532). Estas “centrais de computadores” são, naturalmente, os arquivos,

agora entendidos como centros de organização e de gestão de informações (ROUSSEAU; COUTURE, 1998, p. 63) acessados por meio de computadores.

As afirmativas de Marques envolvem duas questões que são importantes em nosso olhar sobre a relação entre testemunho e jornalismo nos dias de hoje. A primeira delas diz respeito ao documento. Se, conforme foi dito anteriormente, o documento é para os historiadores um registro de forma fixa e estável, ele, o documento, assume características de mobilidade e fluidez no processo de digitalização das informações, uma vez que o sistema de informações é um sistema aberto. Estas características não estão necessariamente no documento, que pode estar protegido contra alterações, mas estão sim nas novas e ilimitadas possibilidades de conexões deste novo documento, propiciadas por suas características intrínsecas de um documento digital e hipertextual. Se para o historiador esta característica gera um novo problema, para o jornalista este mesmo problema/característica reforça as suas capacidades e qualidades profissionais, como veremos adiante.

Na abertura dos anos 90, a Guerra do Golfo era recortada na análise afiada de Jean Baudrillard (BAUDRILLARD; 1991) em artigos que discutiam o *lugar* da Guerra. As imagens da guerra do Golfo, monopolizadas pela rede norte americana CNN, eram imagens sem referencial espaço temporal e assim permaneceram em nossas memórias: sem registro (SICARD; 1999; p.73). A falta de registros foi apontada por Ciro Marcondes Filho como um movimento das grandes potências econômicas interessadas na “neutralização dos focos de criação de solidariedade” (MARCONDES, 1996, p.363). Esta guerra foi seguida, em um curto espaço de tempo, pela Guerra da Bósnia e seus prolongamentos, um conflito que manteve afastado do palco das ações o olhar e as palavras dos jornalistas. As informações que recebíamos eram aquelas fornecidas por refugiados e que circulavam através da *Internet* em uma velocidade maior do que aquelas que os jornais impressos e televisivos eram capazes de alcançar. O mesmo fenômeno, o de circulação de informações na *Internet*, foi enfatizado pela Revolta de Chiapas, no México, em 1994, onde esta mídia foi o espaço de debates. No processo de inclusão destes movimentos ao sistema de informações, a memória coletiva foi ampliada (RICOUER, 1997, p.200) e, com a inserção dos documentos nas redes, criou-se o que Ricouer caracterizou como “rastros”, “uma maneira de contar com o tempo” (*Ibid*, p. 207) já que “o rastro indica aqui, portanto no espaço, e agora, portanto no presente” (*Ibid*, P. 201) o acontecimento.

O volume de informações diárias disponibilizadas nas redes é fato, assim como as questões relativas à autenticidade e veracidade destas mesmas informações. E este é, tanto para historiadores como para jornalistas, um obstáculo em sua busca por objetividade e

confiabilidade. Separar o trigo do joio implica em um exame detalhado da informação, na verificação de sua origem, na comprovação de sua autoria. E esta tarefa cabe, tradicionalmente, aos profissionais da pesquisa, cientistas, historiadores, jornalistas. Considerando que todas as informações recebem o status de documento ao entrar no sistema, ao circular nas redes sob a chancela de um especialista, este documento navega no sistema de informações sob a égide da confiabilidade. E temos agora, neste ponto, a segunda de nossas questões, a do arquivo e da contextualização das informações.

A contextualização das informações foi, para Marques, transferida da *redação* da notícia para a organização da memória dos eventos nos *arquivos*, aparentemente retirando deste processo a presença e a possibilidade de experiência, e também a importância do jornalista<sup>x</sup>. À primeira vista esta transferência rompe com a tradição da modernidade na qual o homem é "incapaz de deixar de se observar ao mesmo tempo em que observa o mundo" (GUMBRECHT, 1998, p. 13), logo ele, o homem moderno, testemunho de seu tempo.

Mas Peter Burke, ao se debruçar na análise da relação entre história e imagem, destaca a sensação de testemunho nos filmes históricos salientando que “proporciona ao espectador uma sensação de testemunhar os eventos” (BURKE, 2004, p. 200) alertando no entanto que “esta sensação de testemunha é ilusória. O diretor molda a experiência embora permanecendo invisível” (*Ibid. Ibidem*). Ainda que invisível, assim como o diretor cinematográfico é invisível, cabe também ao jornalista a observação do mundo desde este lugar de afrontamento, como Hans Ulrich Gumbrecht caracteriza o lugar da memória, onde as forças e interesses se deparam num jogo de múltiplas interpretações.

O banco de dados transforma-se, para o jornalista online, em uma fonte de informações permanentemente. E as informações ali disponibilizadas obedecem à lógica própria de um sistema de informações e ao tratamento da arquivística, para quem toda e qualquer informação que é incorporada à rede recebe uma identidade, a URL, unidade de referência de lugar. Ao ser incorporada a um sistema de informações a notícia, por mais atual que seja, é espacializada, transforma-se em um *lugar da memória*.

É importante ressaltar que, na arquivística, arquivos e coleções obedecem a lógicas distintas e antagônicas em função da diferença entre as concepções de “fundos de arquivos” e das “coleções”. Os fundos são estoques permanentes de informações que seguem o princípio da proveniência, isto é, o lugar da informação é determinado em função de sua origem, de sua fonte. As coleções, ao contrário, seguem outros mandamentos de ordenação, mais livres. Em função deste princípio de proveniência, muitos arquivos adotam sistemas orientados a objetos (OOS) quando, transformados em objetos digitais, as informações recebem, além de uma

URL, uma URN, unidade de referência de nome, permitindo que o objeto e, portanto, a informação, seja identificada em qualquer lugar do sistema através de sua URN. Ao contrário do que ocorre nos arquivos, é possível identificar nas coleções, sejam elas formadas por livros, objetos de arte, documentos, a sugestão de uma narrativa.

Em uma entrevista realizada em outubro de 2001, Rosental Calmon Alves afirmava que

*Cruzando dados, acessando bases de dados, dando sentidos a números publicados de forma ininteligível, reportagens feitas somente com o auxílio do computador podem ser muito úteis. No entanto, não gosto deste “somente”. Preferiria que sempre houvesse também o trabalho tradicional de entrevistas, personagens, o lado humano, a cor, a historinha e não apenas as revelações frias destas entrevistas aos dados. (Profissão Repórter, <http://sites.uol.com.br/prof.reporter> )*

O lado humano transparece, na análise de Rosental, na possibilidade do testemunho. Mas ele, o lado humano, se revela também na “historinha”, no noticiar, quando o jornalista, ao presentificar o acontecimento em sua narrativa, transfere a ação ocorrida para o agora. Entrevistando os dados, o jornalista faz com que os documentos falem, fala esta que se torna possível no exercício de sua especialidade e conhecimentos específicos, legitimando os documentos, separando o verdadeiro do falso, averiguando a proveniência das fontes. O jornalista é o pesquisador, o especialista, o tradutor, o mediador entre o banco de dados e o conhecimento público.

A questão da memória e dos arquivos jornalísticos online vem sendo abordada em diversas análises desenvolvidas por Palacios (2002 e 1999), sendo a memória identificada como uma das características do jornalismo online, paralela à interactividade, customização de conteúdo, hipertextualidade e multimidialidade. Para Palacios a memória é um “elemento distintivo da produção e consumo da informação jornalística nas redes telemáticas” (PALACIOS, 2002, p. 4) potencializando as próprias características do jornalismo online, levando-o a afirmar “que temos nessa combinação de características e circunstâncias uma Ruptura com relação aos suportes mediáticos anteriores” (*Ibid.* p.8) uma vez que “la memoria existe en el soporte digital independiente de una adaptación de los contenidos o del formato de la noticia para la web” (MACHADO et alii, 2004), ou seja, a memória existe no/do sistema de informações.

Para Palacios, caberia agora ao jornalista a função, entre outras, de “filtragem e ordenamento” (*Ibid.* p. 5) da massa informacional disponibilizada na rede. Ao organizar e filtrar as informações, o jornalista é também o produtor de registros documentais, ou seja, ele constrói, em suas informações e em seu texto, um banco de informações, descrevendo,

indexando e classificando dados, a menor unidade de representação de uma informação. Mas o jornalista, ao selecionar e organizar as informações, não cria um arquivo, mas sim coleções. As informações são garimpadas no arquivo das redes construindo uma nova narrativa jornalística<sup>xi</sup>.

### **Memória e testemunho**

Durante o processo eleitoral sul coreano em 2003 um movimento surgiu na Internet e conquistou a atenção da mídia internacional, curiosa com a nova guerrilha das informações que, liderada por Oh Yen Ho, editor de um jornal online chamado *Ohmynews*, disponibilizado na rede desde o ano 2000, afirmava que “todo cidadão é jornalista”, abrindo espaço para milhares de artigos diários. Nos primeiros meses de 2003, matérias publicadas na revista *Wired*, no *The New York Times* e no *The Guardian*, davam a conhecer ao mundo esta nova experiência em jornalismo. Mas foi após a palestra de Oh Yen Ho no encontro internacional de editores, realizado em Istambul, na Turquia, entre maio e junho de 2004, que o *OhmyNews* atraiu o olhar dos jornalistas do mundo, conectados ou não.

Aparentemente o modelo proposto pelo coreano seria mais um reforço na tendência pelo fim do jornalismo. Mas a perspectiva de Yen Ho não se encaixa propriamente neste modelo, uma vez que o jornal emprega e remunera profissionais, 25 jornalistas e 10 editores. Cabe aos editores a tarefa gigantesca de revisar os artigos diários enviados pelos trinta mil “cidadãos jornalistas” cadastrados como tal e que recebem o pagamento simbólico de uma média de dez dólares por matéria publicada. As matérias são classificadas hierarquicamente por sua relevância e atualidade e os “cidadãos jornalistas” obedecem a um rígido código de ética. Ao contrário do que vem ocorrendo em outras publicações, o jornal de Yen Ho não enfrentou qualquer desmentido ou acusação por parte da sociedade coreana.

A organização das notícias obedece a alguns critérios, privilegiando aquelas produzidas pelos profissionais da casa, disponibilizadas no centro. Hierarquicamente, elas são seguidas pelas contribuições dos leitores e que já foram revisadas pelos editores, disponibilizando no final as contribuições menores e que não passaram pelo crivo da editoria. Cada matéria se faz acompanhar por comentários dos leitores, permitindo que o *OhmyNews* seja aparentemente caracterizado como um weblog.

Os weblogs foram identificados por André Lemos aos ciberdiários e caracterizados como “práticas contemporâneas de escrita online, onde usuários comuns escrevem sobre suas vidas privadas, sobre suas áreas de interesse pessoais ou sobre outros aspectos da cultura contemporânea” (LEMOS, 2001). A questão que ora nos interessa não é a da especificidade

dos weblogs, mas sim a de compreender que o uso disseminado dos weblogs na sociedade contemporânea permitiu a proliferação de escritos pessoais disponibilizados na rede, engrossando o caudal dos depoimentos na Era dos Testemunhos e tornando-os, como bem afirmou Lemos, uma “prática contemporânea”.

Se, por um lado, os weblogs foram comumente associados aos relatos do cotidiano, as situações extremas viram crescer, nos dias da Guerra do Iraque, os warblogs, blogs voltados para as notícias da Guerra e que eram produzidos tanto por profissionais do jornalismo quanto por amadores<sup>xii</sup>, como os cidadãos jornalistas de Yen Ho. A proliferação das narrativas da Guerra em depoimentos das mais diversas origens provocou situações como a da retratação pública do *The New York Times*. Em editorial publicado no dia 26 de maio deste ano, os editores confessaram publicamente as suas falhas afirmando: “we have found a number of instances of coverage that was not as rigorous as it should have been” (THE NEW YORK TIMES, *The Times and Iraq*). O rigor em falta não foi, de acordo com o editorial, falha apenas de jornalistas, mas sim da própria instituição que publicou as informações sem uma anterior averiguação e, principalmente, sem uma crítica e averiguação das fontes. Este comportamento pode ser justificado pelo fato de que “o testemunho supõe um procedimento de autorização... dando-lhe um formato documental de verdade” (PENNA, 2003, p.324).

Publicados no *Online Journalism Review* ([www.ojr.org](http://www.ojr.org)) dois artigos de J.D.Lasica disponibilizam as entrevistas que realizou com jornalistas norte americanos onde a temática central girava em torno de weblogs e suas possíveis relações e influências no jornalismo contemporâneo. De uma forma geral os entrevistados deixavam clara a importância dos weblogs como fontes de informação<sup>xiii</sup>. Mas foi Glenn Fleishman, colunista do jornal *The Seattle Times*, aquele que melhor caracterizou os blogs ao classificá-los como uma “cadeia de interações” (LASICA, 2004). Estas interações contextualizam os depoimentos colecionados nos blogs criando uma narrativa que, ao contrário da lógica organizacional de um banco de dados, não necessita de um especialista para ser decifrada uma vez que a memória dos blogs se organiza de forma sequencial e linear.

Ao serem classificados como verdadeiros e qualificados com a autoridade que lhes é atribuída por serem relatos pessoais, ou seja, testemunhos<sup>xiv</sup>, os weblogs multiplicam as conexões em rede de outros testemunhos, de outros cotidianos e acontecimentos, todos eles narrados sem a neutralidade ou objetividade esperada pelos profissionais especialistas, mas sim com a carga emocional do “eu vi”. Este processo foi classificado por Laïdi como de “mundialização dos afetos” onde “l’emotion devient même une condition de la mondialisation

dês événements, comme si l'émotion servait de vecteur à la communication interculturelle»<sup>xv</sup> (LAÏDI, 1998).

A situação de guerra e a conjugação dos weblogs obrigou os grandes jornais a incorporarem, ainda que em caráter experimental ou temporário, os blogs e a participação dos leitores na produção de notícias<sup>xvi</sup>. Esta tendência é indicada por diferentes pesquisadores (CASTILHO, 2004; RECUERO, 2003; CAZORLA, 2004) e confirmada nas ações recentes adotadas pelo *The New York Times* e seu editor público, um ombudman interativo.

### **As conexões da memória**

Acompanhando a multiplicação da memória e, em consequência, a diversidade de vozes que se fazem ouvir nas redes, o jornalismo vem buscando formas diferenciadas, e algumas delas inovadoras, de uma prática jornalística. O primeiro passo neste sentido é o de compreender que “as redes são um ambiente diferenciado com capacidade de fundar uma modalidade distinta de jornalismo, em que todas as etapas do sistema de produção de conteúdos jornalísticos permanece circunscrita aos limites do ciberespaço” (MACHADO,*op.cit.*). Este primeiro passo engloba as “particularidades da prática jornalística nas redes, das mudanças no perfil do profissional, na estrutura organizacional das empresas jornalísticas e das funções que o usuário passa a ocupar no sistema de produção de conteúdos” (*Ibid.*).

Estas transformações deslocam as possibilidades de construção de sentido na narrativa jornalística para as conexões de memória em redes, onde as informações em circulação no sistema transformam-se em um arquivo borgeano, entre informações elaboradas e objetivamente classificadas e outras tantas que carregam em si a subjetividade e a emoção dos testemunhos. Ao se fazerem ouvir, estes testemunhos se revestem de credibilidade, uma credibilidade que os jornais e os jornalistas tradicionais têm, aparentemente, perdido junto aos seus leitores. Por um lado, esta tendência vem reforçando a importância dos correspondentes, profissionais capazes de viver e compreender acontecimentos distantes de nossa realidade cotidiana, enfatizando assim o papel de mediador do jornalismo. E, por outro lado, esta mesma tendência faz com que os testemunhos se multipliquem, seguindo a inclinação identificada por Lemos e Laïdi.

Experiências como as que vêm sendo desenvolvidas pelo jornal coreano *OhmyNews* e pela figura do novo ombudman interativo do *The New York Times* revelam, por parte de grandes empresas jornalísticas e também de pequenos empreendimentos inovadores, uma propensão à formas híbridas de jornalismo, no sentido formulado por Canclini (CANCLINI,

2003). Neste processo as antigas e novas formas não se excluem. Ao contrário, elas se interpenetram e, ao fazê-lo, absorvem as diferenças em um novo modelo.

A importância destas experiências é comprovada pela necessidade da elaboração de novas linguagens jornalísticas, na perspectiva defendida por Carlo Ginzburg, que impeçam a diluição e o apagamento dos conflitos sociais evidenciados na proliferação de vozes nesta era dos testemunhos. Ao contrário de anular a importância da mediação do jornalista, a multiplicação da memória age, de acordo com as propostas elaboradas por Palacios, como uma potencializadora das características de um jornalismo que deverá fazer um uso cada vez mais amplo e criativo dos recursos possibilitados pelas novas tecnologias digitais.

Partindo destas reflexões iniciais abre-se um leque de novas indagações, todas elas voltadas para a relação entre a história e o jornalismo. Tomando do conceito de acontecimento como ponto de partida, seria possível entender a compreensão que ambos os olhares dedicam às semelhanças e diferenças entre a história e a memória e, em suas concepções de continuidade ou ruptura, compreender o que é a emergência do novo, e de que forma ela se verifica.

Ao mesmo tempo, as possibilidades diferenciadas de acesso ao conhecimento e às informações, pedem uma reflexão da relação de jornalistas e historiadores com o mercado, uma questão que já entrava na pauta das preocupações de Certeau ainda nos anos 70. Tradicionalmente isolados em instituições de pesquisa e universidades, os historiadores vêm, nos últimos anos, o reconhecimento de suas publicações no mercado editorial, em edições que primam pela qualidade. Qual é a influência do mercado na produção historiográfica contemporânea? De que forma ela conduz os historiadores ao caminho dos jornalistas? E, ao mesmo tempo, de que forma as publicações recentes de jornalistas analisando fatos históricos conduzem os jornalistas ao caminho dos historiadores?

Por último, a questão que atrai o nosso olhar, a do hibridismo entre as linguagens e técnicas da história e do jornalismo, resultante das transformações tecnológicas e também das transformações de comportamento profissional e de concepção das atribuições e realidades destes profissionais. Deixo aqui a proposta de reflexão e debate.

### **Referências Bibliográficas**

ALLBRITTON, C. *Back to Iraq*. Disponível em <http://www.back-to-irak.com>

ALLIEZ, E. *Deleuze filosofia virtual*. S.P., Ed. 34, 1996.

BAUDRILLARD, J. *La guerre du Golfe n'a pas eu lieu*. Paris, Galilée, 1991.

BARBERO, J.M. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. 2 ed. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2001.

- BARBERO, J.M. e REY, G. *Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva*. Tradução de Jacob Gorender. S.P., Editora Senac São Paulo, 2001.
- BRITISH BROADCASTING CORPORATION  
[http://news.bbc.co.uk/aboutbbcnews/hi/editorial\\_policy/default.stm](http://news.bbc.co.uk/aboutbbcnews/hi/editorial_policy/default.stm)
- BURKE, P. *Testemunha ocular: história e imagem*. Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru, S.P., EDUSC, 2004.
- CANCLINI, N. G. “Cidades e cidadãos imaginados pelos meios de comunicação”. in *Opinião Pública*. Vol. 08, n. 01. Campinas, UNICAMP, maio 2002. Disponível em <http://www.scielo.br>
- CANCLINI, N.G. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. 4ª edição. S.P., Ed. USP, 2003.
- CASTILHO, C. “Cada cidadão é um repórter” in *Observatório da Imprensa*, disponível em <http://observatorio.ig.com.br/artigos.asp?cod=277EN0001>
- CASTILHO, C. “Notícia e interatividade social” in *Observatório da Imprensa*, 18/05/2004, disponível em <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=275EN001>
- CAZORLA; CERMELE; D’ ALESSANDRO; LACHALDE; PADILLA. “Las fuentes de información em tiempos de guerra” in *Sala de Prensa*, 71, septiembre de 2004, Año 6, vol. 3, disponível em <http://www.saladeprensa.org/>
- CENTRO DE MÍDIA INDEPENDENTE <http://brasil.indymedia.org/pt/blue/static/about.shtml>
- GINZBURG, C. *Relações de força: história, retórica, prova*. Tradução Jonatas Batista Neto. S.P., Cia das Letras, 2002.
- GUMBRECHT, H.U. *Modernização dos sentidos*. Tradução Lawrence Flores Pereira. S.P., Ed.34, 1998.
- HARTOG, François. *Le témoin et l'historien*. Disponível em <http://www.oslo200.uio.no/program/papers/m3a/m3a-hartog.pdf> e acessado em maio de 2004. Uma versão reduzida, e em inglês, do mesmo artigo está disponível em <http://www.fl.ulaval.ca/celat/histoire.memoire/histoire/cape2/hartog.htm>
- HOHLFELDT, A. “Hipóteses contemporâneas de pesquisa em comunicação”. In HOHLFELDT, A; MARTINO, L.; FRANÇA, V.(org.) *Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis, Vozes, 2001.
- LAGE, N. *Relacionamento do repórter com as fontes: procedimentos e teoria*, s/d. Disponível em [http://lael.pucsp.br/~tony/cursos/cev/bibl/lage\\_nd\\_reporter fontes.doc](http://lael.pucsp.br/~tony/cursos/cev/bibl/lage_nd_reporter fontes.doc).
- LAÏDI, Z. *Les imaginaires de la mondialisation*. Esprit, no. 246, october 1998, p. 85-92. Disponível em <http://www.laidi.com/papiers/esprit246.pdf>
- LASICA, J.D. “Blogging as a form of journalism” in *Online Journalism Review*, USC Annenberg, disponível em <http://www.ojr.org/ojr/workplace/1017958873.php>
- LASICA, J.D. “Weblogs: a new source of news” in *Online Journalism Review*, USC Annenberg, disponível em <http://www.ojr.org/ojr/workplace/1017958782.php>
- LEMOS, A. “Cibercultura. Alguns pontos para compreender a nossa época”, in: LEMOS, A. e CUNHA, P. *Olhares sobre a Cibercultura*. Porto Alegre, Ed. Sulina, 2003.
- \_\_\_\_\_. “A arte da vida: diários pessoais e webcans na Internet”, texto de 2001, apresentado na Conferência Internacional Cultura das Redes, Lisboa, Portugal, disponível em : <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/arte%20da%20vida.htm>.
- MACHADO, E.G. *O ciberespaço como fonte para os jornalistas*. Disponível em <http://www.eca.usp.br/alaic/material%20congresso%202002/congBolivia2002/trabalhos%20completos%20Bolivia%202002/GT%20%203%20%20eduardo%20meditsch/elias%20machado%20gon%C3%A7alves.doc>
- MACHADO; BORGES; MIRANDA. “Gêneros narrativos em el periodismo digital baiano” in *Sala de Prensa*, enero de 2004, 63, año V, vol. 2. Disponível em <http://www.saladeprensa.org/>

- MANOVITCH, L. *Language of New Media*. Cambridge, MIT Press, 2001
- MARCONDES FILHO, C.(org) *Pensar – pulsar: cultura comunicacional, tecnologias, velocidade*.S.P., Edições NTC, 1996.
- MARQUES, F.E.S. “O processo de televisionamento do texto jornalístico” IN MOUILLAUD, M. e PORTO, S.D. (orgs.). *O jornal: da forma ao sentido*. 2ª. Ed. Brasília, Ed. UNB, 2002, p. 525-540.
- MOUILLAUD, M. e PORTO, S.D. (org.). *O jornal: da forma ao sentido*. 2ª. Ed. Brasília, Ed. UNB, 2002.
- NORA, Pierre. «O retorno do fato” in LE GOFF, J. e NORA, P. *História, novos problemas*. Tradução de Theo Santiago. R.J., Francisco Alves, 1976.
- OHMYNEWS INTERNATIONAL. Disponível em <http://english.ohmynews.com>
- PALACIOS, M. e MIELNICKZUK, L. *Considerações para um estudo sobre o formato da notícia na Web: o link como elemento paratextual*. Disponível em <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/palacios/compostextofinal.doc>
- PALACIOS, M. *Jornalismo Online, Informação e Memória: apontamentos para debate*. Disponível [http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2002\\_palacios\\_informacaoememoria.pdf](http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2002_palacios_informacaoememoria.pdf)
- PENNA, J.C. “Este corpo,esta dor, esta fome: notas sobre o testemunho Hispano-Americano” in SILVA, M.S. *História, memória, literatura: o testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas, S.P., Ed. da UNICAMP, 2003, p. 299-354.
- PROFISSÃO REPORTER. *Entrevista com Rosental Calmon Alves*. Outubro de 2001. Disponível em <http://sites.uol.com.br/prof.reporter>
- RECUERO, R. C. “Warblogs: os Blogs, a Guerra do Iraque e o Jornalismo Online” in *Biblioteca Online das Ciências da Comunicação*, disponível em [http://www.bocc.ubi.pt/pag/\\_texto.php3?html2=recuero-raquel-war-blogs.html](http://www.bocc.ubi.pt/pag/_texto.php3?html2=recuero-raquel-war-blogs.html)
- Ricouer. P. *Tempo e Narrativa – Tomo III*. Tradução Roberto Leal Ferreira. Campinas, Papirus, 1997.
- RODRIGUES, A D. “Delimitação, natureza e funções do discurso midiático” IN MOUILLAUD, M. e PORTO, S.D. (orgs.). *O jornal: da forma ao sentido*. 2ª. Ed. Brasília, Ed. UNB, 2002, p. 217-233.
- RODRIGUES, A D. *Comunicação e experiência*. 1997. Disponível em <http://bocc.ubi.pt>
- RODRIGUES, A D. *Estratégias da Comunicação: questão comunicacional e formas de sociabilidade*, Lisboa, Editorial Presença, 1990.
- ROUSSEAU; COUTURE. *Os fundamentos da disciplina arquivística*. Lisboa, Dom Quixote, 1998.
- SANTAELLA, L. “A crítica das mídias na entrada do século 21” IN PRADO, J.L.A (org.). *Crítica das práticas midiáticas: da sociedade de massas às ciberculturas*. S.P., Hacker Editores, 2002.
- SANTOS, J. R. “Em directo da guerra: O impacto da Guerra do Golfo no discurso jornalístico. *Media & Jornalismo*”. In *Media e Jornalismo*, Coimbra, nov. 2003, vol.1, no.3. Disponível em: [http://revcom.portcom.intercom.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1645-56812003000300003&lng=pt&nrm=iso](http://revcom.portcom.intercom.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-56812003000300003&lng=pt&nrm=iso)
- SICARD, M. «Qu’est-cequ’un témoin?» *Cahiers de Médiologie*, no.08: «Croyances en guerre: l’effet Kosovo». 1999. Disponível em [http://www.mediologie.org/collection/08\\_croyances/sicard.pdf](http://www.mediologie.org/collection/08_croyances/sicard.pdf)
- THE NEW YORK TIMES. *The Times and the Iraq*. 26 de maio de 2004. disponível em <http://www.nytimes.com>
- VERNANT, J. P. *Mito e pensamento entre os gregos: estudos de psicologia histórica*. Tradução de Haiganuch Sarian. S.P., Difel/USP, 1973.
- WIEVIORKA, A *L’Ere du témoin*. Paris, Hachette Litteratures, 2002

## NOTAS:

<sup>i</sup> Entendidas como documentos, as fotografias recebem um tratamento crítico, análise técnica e são lidas como fragmentos de narrativas. No Brasil, Boris Kosoy é o referencial teórico. Os sons passaram a ser estudados como forma de registro histórico depois da 2<sup>a</sup> Guerra Mundial, provocando o desenvolvimento das técnicas de história oral. As análises que entendem o cinema como documento histórico são mais recentes e uma das figuras de proa é Marc Ferro. As análises voltadas para a televisão datam do final de século XX e, apesar das preocupações de Pierre Bourdieu e, principalmente, do Instituto de História do Tempo Presente, ainda não formam um corpo teórico.

<sup>ii</sup> Experiências e depoimentos os mais diversos podem ser observados na Internet, inclusive em algumas produções brasileiras onde as vozes de “outros” passados, negros, comunidades indígenas, imigrantes, são publicizadas. Uma experiência interessante é disponibilizada no *site* do Museu da Pessoa, um centro de pesquisa e documentação em história oral de São Paulo. A construção do site corresponde ao centro presencial e eles se apresentam, através da qualificação de um museu como uma coleção de depoimentos e histórias de vida.

<sup>iii</sup> Vamos assim do testemunho ao espectador sem intermediários.

<sup>iv</sup> Entre os muitos episódios, podemos destacar o caso Randall no tribunal de Haia, e a prisão do jornalista britânico Peter Hounam, em Israel. Randall recusou-se a depor, alegando não ser uma testemunha, mas sim um jornalista no exercício de sua profissão. Sua posição provocou polêmica e recebeu o suporte da maioria dos jornalistas norte americanos.

<sup>v</sup> Vernant relaciona o mundo dos mortos ao mundo do silêncio, em oposição ao mundo ruidoso e barulhento dos vivos (VERNANT. 1973, p. 271).

<sup>vi</sup> O episódio do seqüestro do ônibus 174, em junho de 2000, na cidade do Rio de Janeiro, pode ser considerado como um evento emblemático envolvendo o testemunho de jornalistas e a participação das diferentes mídias.

<sup>vii</sup> Para Stephen Bann “as imagens visuais não provam nada – ou se provam alguma coisa é tão trivial que não pode ser levada em conta como componente da análise histórica” apud BURKE. 2004; p.232.

<sup>viii</sup> O episódio recente do *New York Times*, de sua retratação pública sobre a falta de rigor com relação as suas fontes, se presta como exemplo. Afinal, para Mouillad, “o jornal (como qualquer reprodutor, embora com operadores que lhe são característicos) é senhor do efeito que confere às vozes que reproduz” (MOUILLAUD. 2002; p. 121).

<sup>ix</sup> “porque pretendemos que nossa audiência tenha um fluxo de informações sobre um mundo mais vasto”

<sup>x</sup> Estas questões vêm recebendo maior atenção com a publicação dos trabalhos de Lev Manovich sobre a nova mídia e, principalmente, a leitura que faz da relação entre os bancos de dados e a narrativa. Ver MANOVICH, Lev. *The Language of new media*, Cambridge, MIT Press, 2001, em especial o capítulo 5, *Database as a symbolic form*.

<sup>xi</sup> A sugestão nos foi dada na leitura de um texto de Zaki Laïdi onde o autor comenta a possibilidade do acesso imediato às informações e a recusa das mediações na sociedade contemporânea exemplificando com a tendência dos museus em realizarem exposições ao invés de exibirem a totalidade de seus acervos. (LAÏDI, ANO, p.9)

<sup>xii</sup> Talvez o mais famoso warblog tenha sido o de Salam Pax, disponível em [http://dear\\_raed.blogspot](http://dear_raed.blogspot), conhecido como “o blog do Salam”. Encampado pelo jornal britânico *The Guardian*, o blog virou livro e teve sua tradução brasileira recentemente publicada pela Cia das Letras.

<sup>xiii</sup> Sem especificar a questão dos blogs mas voltado para a relação entre o ciberespaço como fonte para os jornalistas, vale lembrar o artigo de Elias Machado, “O ciberespaço como fonte para os jornalistas” disponibilizado em

<http://www.eca.usp.br/alaic/material%20congresso%202002/congBolívia2002/trabalhos%20completos%20Bolívia%202002/GT%20%203%20%20eduardo%20meditsch/elias%20machado%20gon%C3%A7alves.doc>.

<sup>xiv</sup> Convém ressaltar que este testemunho hoje não é mais unicamente identificado ao indivíduo, mas sim a uma experiência coletiva: “o testemunho seria hoje em dia este registro bruto (liminarmente mimético) da prática não de um cidadão, mas de uma situação coletiva problemática” (PENNA. 2003, p. 324). As considerações de Penna caminham na trilha proposta pela análise de Ricouer que, partindo da revolução documental proposta por Le Goff vê ampliada as potencialidades da memória coletiva ser entendida como história, com as características de continuidade e linearidade cf Ricouer, op.cit, p.196-216.

<sup>xv</sup> A emoção torna-se uma condição da mundialização dos acontecimentos, como se a emoção servisse de vetor à comunicação intercultural.

<sup>xvi</sup> No sentido inverso, temos a história de Chris Allbritton, jornalista do jornal *New York Daily News* que, em seu blog, deu início a uma campanha para angariar fundos com o intuito de seguir como correspondente independente no Iraque. Allbritton foi para a guerra como correspondente exclusivo de um público restrito, os seus financiadores e assinantes de seu weblog. A viagem de Allbritton foi uma viagem no tempo da história do jornalismo Veja em <http://www.back-to-irak.com>